

## INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO NO PENSAMENTO DE DESCARTES: CRÍTICA E ALTERNATIVA À FILOSOFIA E À EDUCAÇÃO ESCOLÁSTICA

Thaís Crepaldi Watanabe<sup>1</sup> (UFU/PIAIC/CNPQ)

Dr. Alexandre Guimarães Tadeu de Soares<sup>2</sup>

**RESUMO:** A partir da compreensão da concepção de filosofia para René Descartes, do método desenvolvido por ele e de suas críticas e oposição à Escolástica, busco expor e desenvolver a temática “formação e informação” que, conforme irei mostrar, se encontra de forma implícita em algumas das obras do filósofo René Descartes. Contextualizo o conceito de “Escolástica”, e exponho as críticas de Descartes a este tipo de educação. Explicito a questão da formação do homem, presente em três obras do filósofo: *Carta-Prefácio aos Princípios da Filosofia*, *Discurso do Método* e *A Busca pela Verdade* e sua crítica ao caráter informativo do método de ensino e aprendizagem escolástico do conhecimento. Por fim, apresento a concepção de filosofia para Descartes e o método que ele desenvolveu que nos possibilita adquirir o conhecimento verdadeiro, que é a sabedoria, cujo estudo consiste a própria filosofia.

Palavras-chaves: 1- Filosofia, 2- Método, 3- Formação, 4- Informação, 5- Escolástica.

**RÉSUMÉ:** A partir de la compréhension de la conception de la philosophie de René Descartes, de la méthode développée par lui et ses critiques et opposition à la Scolastique, je cherche à exposer et à développer le thème “formation et d'information” qui, comme je le montrerai, se trouve implicite dans certaines des œuvres du philosophe René Descartes. Je contextualise la notion de «scolastique» et j'expose les critiques de Descartes à ce type d'enseignement. Je explicite la question de la formation de l'homme, présent dans trois œuvres du philosophe: *Lettre-préface aux Principes de la philosophie*, *Discourse sur la méthode* et *Recherche de la Verité* et sa critique face au caractère informatif de la méthode d'enseignement et d'apprentissage scolastique de la

---

<sup>1</sup> Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (FAFCS). Departamento de Filosofia (DEFIL). Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Avenida João Naves de Ávila, 2121. Bairro Santa Mônica. Uberlândia. CEP. 38400-902. E-mail: [thaiswat@hotmail.com](mailto:thaiswat@hotmail.com)

<sup>2</sup> Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (FAFCS). Departamento de Filosofia (DEFIL). Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Avenida João Naves de Ávila, 2121. Bairro Santa Mônica. Uberlândia. CEP. 38400-902. E-mail: [alexandregts@gmail.com](mailto:alexandregts@gmail.com)

connaissance. Enfin, je presente la conception de philosophie de Descartes et la méthode qu'il a développé qui nous permet d'acquérir la vraie connaissance, que c'est la sagesse, dont l'étude est la philosophie elle-même.

Mots-clés: 1- Philosophie, 2- Méthode, 3- Formation, 4- Informatin, 5- Scolastique.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a intenção de expor e desenvolver a temática “formação e informação” que, conforme irei mostrar, se encontra de forma implícita em algumas das obras do filósofo René Descartes. Busco expor essa temática, pois ela trata da base da crítica à escolástica e da proposta metodológica de Descartes a esta, duas questões fundamentais para a compreensão do pensamento cartesiano.

Esse estudo representa um pressuposto para uma análise crítica da relação ensino-aprendizagem no método escolástico e na proposta pedagógica de Descartes.

É fundamental entendermos a noção de formação e informação, para compreendermos melhor a proposta da filosofia de Descartes. Podemos chamar de uma filosofia de informação um modelo de filosofia e educação baseado na tradicional transmissão do conhecimento, baseada na autoridade, ou seja, o modelo escolástico. Por sua vez, temos na filosofia de formação um modelo de filosofia e educação que além da transmissão do conhecimento auxilia o homem a desenvolver sua autonomia, seu pensar crítico, livre e criativo. Irei mostrar que esse é o modelo de filosofia e educação proposto por Descartes no seu Método. Essa é a verdadeira filosofia para ele: o estudo da sabedoria que consiste num perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber para a conduta de sua vida, para a conservação de sua saúde e para a invenção de todas as artes.

Contextualizo historicamente o conceito de “escolástica”. Mostro a trajetória do filósofo na universidade e no mundo na sua busca pela verdade. Trajetória esta significativa para a compreensão de sua proposta filosófica. Descartes se opõem ao modo da escolástica de obter e transmitir conhecimento. Exponho algumas críticas que este filósofo faz a este modelo escolástico de educação e relaciono algumas características dele com o conceito “informação”.

Faço uma análise de passagens de algumas obras de Descartes: *Discurso do Método*, *Carta-Prefácio* e *A Busca pela Verdade*.

Por fim, exponho o método desenvolvido por Descartes para a obtenção do conhecimento verdadeiro. E mostro que ele se compromete com um projeto filosófico e pedagógico que visa uma determinada formação do homem. Esse projeto filosófico e pedagógico nós encontramos às vezes de modo mais explícito e às vezes mais implícito em algumas de suas obras. Neste artigo, exponho algumas passagens dessas obras e busquei explicitar seu compromisso com o conhecimento verdadeiro, que pode ser obtido por todos os homens, quando bem conduzido.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa realizada baseou-se unicamente em material bibliográfico. Antes da redação do presente artigo, estudei e sintetizei os textos. O considerei importante foi aqui trabalhado de modo a desenvolver o tema proposto na introdução: Expor e desenvolver a temática “formação e informação” que se encontra de forma implícita em algumas das obras do filósofo René Descartes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Contextualização do conceito “Escolástica”.**

A Escolástica é considerada a filosofia cristã da Idade Média. Ela surgiu por volta dos séculos XI e XII devido à difusão e consolidação das escolas nos mosteiros e catedrais dedicadas à formação do clero e posteriormente nas Universidades. Seu significado consiste numa filosofia da escola, nessas escolas eram estudados os padres da Igreja, filósofos e teólogos, retórica, gramática, etc.

A forma de ensino medieval era dividida em duas: *lectio*, que consiste no comentário de um texto e *disputatio* no exame de algum problema a partir de discussões dos argumentos favoráveis e contrários.

É fundamental nesse método, fazer com que o homem compreenda a verdade revelada. É utilizada a razão, alguma filosofia determinada, por exemplo, a neoplatônica ou aristotélica para acessar a verdade religiosa, sua demonstração ou esclarecimento. Isso mostra que a Escolástica não é uma filosofia autônoma, pois não confia apenas nas forças da razão, recorrendo às autoridades, à tradição religiosa ou filosófica.

A Escolástica medieval pode ser dividida em três períodos. O primeiro período é chamado de a Alta Escolástica, situado entre os séculos IX e fim do século XII, no qual havia uma confiança na harmonia entre fé e razão e na coincidência de seus resultados. O segundo, chamado Florescimento da Escolástica, ocorre entre 1200 até os primeiros anos do século XIV, época dos grandes sistemas e parcial harmonia entre fé e razão. E, finalmente o terceiro período que é a Dissolução da Escolástica, que se encontra entre os primeiros decênios do século XIV até o Renascimento, e seu tema básico consiste na oposição entre fé e razão.

Até hoje a Escolástica é um método adotado pela maioria das escolas e universidades. O professor é a autoridade, possui o conhecimento e tem a função de transmiti-lo ao aluno. Sua figura de autoridade, na maioria dos casos, faz com que o que ele profere seja inquestionável.

### **Biografia de Descartes: sua busca pelo conhecimento verdadeiro.**

Descartes nasceu em La Haye no dia 31 de março de 1596. Estudou em um dos melhores colégios da França, La Flèche.

Na primeira parte do *Discurso do Método* Descartes relata ter sido nutrido desde a infância nas letras e ter acreditado que por meio delas poderia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida. Por estar numa das mais célebres escolas da Europa, pensou que neste ambiente havia homens sábios, mas percebeu que muitos mostravam saber mais do que realmente sabiam.

Após ter concluído todo o curso de estudos viu-se cheio de dúvidas e erros e descobriu cada vez mais sua própria ignorância. Sua inquietação o levou a abandonar o estudo das letras para buscar a ciência que poderia achar em si mesmo e no mundo. Viajou muito e reconheceu ter tido sorte de haver trilhado desde a juventude certos caminhos, que o possibilitaram formar considerações e máximas com as quais formou seu método.

Ele observa que parecia encontrar mais verdade nos raciocínios que cada um faz sobre assuntos que lhe importa, pois caso o raciocínio estivesse equivocado o resultado iria prejudicá-lo, do que naqueles feitos pelo homem de letras em seu gabinete, que na vida prática não os afetaria.

O maior proveito que Descartes nos diz ter retirado do contato com diferentes culturas em suas viagens foi aprender a não crer firmemente no que lhe fora persuadido apenas pelo exemplo e costume. Isso porque vendo várias coisas que, embora nos pareça extravagantes e ridículas, percebeu que elas não deixam de ser aceitas e aprovadas por outros povos. Esse apontamento feito por ele nos mostra a importância e influência da formação para a criação de sua filosofia, pois nela vemos claramente a rejeição ao preconceito, atitude fundamental para o exercício da verdadeira filosofia.

Quando Descartes (DISCURSO DO MÉTODO, 1987, p. 34) estava na Alemanha, atraído por causa das guerras e detido sozinho num quartel devido ao início do inverno, como ele diz dispunha de todo tempo livre para se entreter com os próprios pensamentos. Nesse momento meditou sobre a superioridade das obras, por exemplo: edifício, cidade ou legislação, que advinham de um único homem.

[...] não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Assim, vê-se que os edifícios empreendidos e construídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que aqueles que muitos procuraram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins. (DESCARTE, 1987, p. 34)

A partir disso ele (1987, p. 35) pensou que pelo menos as ciências dos livros cujas razões eram apenas prováveis e não apresentavam demonstrações, uma vez que foram compostas aos poucos com opiniões de muitas pessoas diversas, não se acham tão próximas da verdade quanto os simples raciocínios que um homem de bom senso pode efetuar naturalmente. E pensou ainda que por todos já houermos sido crianças e conseqüentemente governados por muito tempo por nossos apetites e preceptores, muitas vezes contrários uns aos outros e nem sempre aconselhavam o melhor, “é quase impossível que nossos juízos sejam tão puros ou tão sólidos como seriam, se tivéssemos o uso inteiro de nossa razão desde o nascimento e se não tivéssemos sido guiados senão por ela”. (DESCARTES, 1987, p. 35)

A conseqüência foi que Descartes resolveu abrir mão de todas as opiniões que tinha como corretas, para substituí-las por outras melhores ou pelas mesmas, depois de tê-las analisado com a razão. É com um pensar autônomo, independente das autoridades e racional que Descartes consegue elaborar seu método e encontrar os princípios da filosofia.

Descartes nos quer alertar ao contar sua experiência para o fato de que o mundo é composto quase que somente de duas espécies de espíritos: um consiste naqueles que crêem ser mais hábeis do que realmente são, precipitam seus juízos e não tem paciência para conduzir por ordem seus pensamentos, e o outro é aqueles que tendo bastante razão ou modéstia, julgam-se menos capazes para distinguir o verdadeiro do falso que outros, que podem instruí-los, e se contentam em seguir as opiniões destes e não tentam encontrar outras melhores por si próprios. Descartes agiu de modo diferente destes dois tipos de espíritos, procurou reformar os próprios pensamentos e agiu “como um homem que caminha só e nas trevas, resolvi ir tão lentamente, e usar de tanta circunspeção em todas as coisas, que, mesmo se avançasse muito pouco, evitaria pelo menos cair”(DESCARTES, 1987, p. 36). Por sua obra tê-lo agradado resolveu mostrar seu modelo, mas como ele mesmo disse: “nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo”. (DESCARTES, 1987, p. 36)

### **Crítica de Descartes à Escolástica**

Todo indivíduo possui uma inquietação que o leva a querer e buscar compreender o mundo em que vive, como ele funciona, compreender as causas de fenômenos naturais ou dos sentimentos e pensamentos e muitas outras questões. Todo indivíduo possui características próprias que devem ser valorizadas, e trabalhadas para que ele se realize. Segundo Descartes todo o ser humano possui bom senso, que é ter a “a capacidade de bem julgar, e distinguir o verdadeiro do falso” (DESCARTES, 1987, p. 30). Enfim, todo ser humano tem a capacidade de pensar racionalmente e utilizar seu bom senso para conhecer e compreender as coisas. Mas há algo que não podemos deixar de lado: devemos refletir sobre a influência da educação que recebemos na infância em casa e, posteriormente a da escola sobre nossa natureza e aptidão. Isso é algo que Descartes procura fazer e aqui mostro as críticas que ele faz à má influência que a escolástica tem sobre os homens.

Os bichos, que só têm o corpo para conservar estão continuamente ocupados com a sua nutrição. Mas os homens, cuja principal parte é o espírito, deveriam empregar os seus maiores cuidados na procura da sabedoria – seu verdadeiro alimento. [...] Não há alma, por menos nobre que seja ela, que permaneça tão atada aos objetos dos sentidos a ponto de não ser capaz de, às vezes, desviar-se deles para almejar outro bem maior, embora freqüentemente possa ignorar em que consiste. [...] Ora, esse bem supremo, que a razão natural considera como independente da fé, nada mais é do que o conhecimento da verdade por suas primeiras causas, isto é, a sabedoria, em cujo estudo

consiste a filosofia. [...] (DESCARTES, apud TADEU DE SOARES, 2008, p. 411)

O grande problema da escolástica é que ela nos afasta de nossa natureza, limitando-a ao invés de desenvolvê-la. Mostrarei aqui os obstáculos ao conhecimento verdadeiro, que segundo Descartes caracteriza as bases da escolástica.

A escolástica é o método de educação utilizado por muitas escolas e universidades desde o período da Idade Média até os dias de hoje. Uma das bases que sustentam a escolástica constitui o prestígio das autoridades. O professor ou mestre é a autoridade que transmite o conhecimento para os alunos e estes têm a função de assimilá-lo. Outro tipo de autoridade é a tradição filosófica. Mas o que há de problemático nisso? Por que o prestígio das autoridades é prejudicial na formação do indivíduo?

Um dos problemas da autoridade é que ela não pode ser questionada, então, a filosofia que é ensinada pelo método escolástico é transmitida de modo dogmático e não a partir de um exercício da razão. Percebemos então, que esse ensino de filosofia é contrário ao próprio exercício da filosofia.

Segundo Descartes, a razão deveria ser o que a universidade mais utiliza, porém, esta substitui o papel da razão pelas autoridades. Descartes critica a filosofia das Escolas, que segundo ele se serve da cultura livresca e de argumentos de autoridade, como Aristóteles e Platão, e, ao invés de utilizar a razão e fazer uma investigação filosófica para encontrar a sabedoria, ou seja, o conhecimento da verdade por suas primeiras causas, se preocupa apenas em seguir a opinião das autoridades, quando poderiam buscar algo melhor. (DESCARTES, data apud TADEU SOARES, 2008, p. 148) Segue um trecho em que podemos ver o que foi dito acima:

Um *honnête homme* não tem a obrigação de ter lido todos os livros, nem de ter aprendido cuidadosamente tudo o que se ensina nas Escolas; seria mesmo uma espécie de falha em sua educação se ele tivesse empregado tempo excessivo no cultivo das Letras (AT, X, 495). (DESCARTES apud TADEU DE SOARES, 2008, p.188)

E assim pensei que a ciência dos livros, ao menos aquelas cujas razões são apenas prováveis e que não apresentam quaisquer demonstrações, pois se compuseram e avolumaram pouco a pouco com opiniões de mui diversas pessoas, não se acham de modo algum tão próximas da verdade quanto os simples raciocínios que um homem de bom senso pode efetuar naturalmente com respeito às coisas que se lhe

apresentam (AT, VI 12-13). (DESCARTES apud TADEU DE SOARES, 2008, p. 188)

Segundo ele, há dois tipos de discurso, um é o de filósofo, utilizado, por exemplo, nas Escolas, este é a simulação de um discurso originário de razão, ele não se apóia na experiência própria e não se baseia na evidência, ele é orientado pelas autoridades. Este é escolástico, e criticado por Descartes. O outro tipo ele chama de discurso de razão, este, por sua vez tem como seus fundamentos que a verdade só tem valor efetivamente filosófico se ela for uma certeza, ou seja, depende do modo como ela foi obtida: à revelia das autoridades, baseada nas experiências próprias, na evidência e mediante uma significação que se mantenha sempre atualizada. A verdadeira filosofia segundo Descartes utiliza o discurso de razão. (TADEU DE SOARES; 2008 p. 148-149)

Eudoxo: “[...] Aquele que, como [Epistemão], é repleto de opiniões e ocupado por inúmeros preconceitos muito dificilmente se entrega unicamente à luz natural. Há muito tempo, com efeito, habituou-se a ceder de preferência à autoridade que a ouvir os ditames de sua própria razão. Ele prefere [...] verificar o que os antigos escreveram a consultar a si mesmo sobre o juízo que deve proferir. Assim como, desde a infância, ele tomou por razão o que repousava sobre a autoridade dos seus preceptores, apresenta agora sua autoridade como a razão, querendo que outros lhe paguem agora o tributo que outrora pagou”. (DESCARTES apud TADEU DE SOARES, 2008, p. 188)

O outro tipo de autoridade presente na escolástica que Descartes contraria é a tradição, que considera a ciência como erudição, e afirma a tese de que há uma diferença qualitativa entre as inteligências. Para Descartes, todos podem ter acesso ao estudo da filosofia. (TADEU DE SOARES, 2008, p. 145)

Examinando a disposição natural de muitos espíritos, notei que quase não existem, por mais grosseiros e por mais tardos que sejam os que não sejam capazes de discernimento e até de adquirir todas as ciências superiores, quando conduzidos como é necessário. (DESCARTES apud TADEU DE SOARES, 2008, P. 145)

É interessante notar que para Descartes o que existe são diferentes tipos de espíritos e não diferenças qualitativas de inteligência, como pensam os escolásticos. Segundo ele existem dois tipos de espíritos, os espíritos modestos e os precipitados. Os modestos não se julgam suficientemente capazes para alcançar as ciências superiores, e por sua vez, os precipitados superestimam as próprias capacidades e se apressam em

julgar algo sem examinar cuidadosamente. Estes caracterizam os escolásticos. (TADEU DE SOARES, 2008, P. 146)

Estes espíritos precipitados possuem mais preconceitos, do que os modestos, uma vez que estes só foram submetidos a um tipo de preconceito, que é o natural enquanto que aqueles além de serem submetidos a esse, foram também influenciados pelo outro tipo que consiste no de escola ou doutrinário. Portanto, para Descartes os ignorantes são os destinatários por excelência da verdadeira filosofia e o aprendizado da filosofia existente é visto como obstáculo para o da verdadeira. (TADEU DE SOARES, 2008, P. 145)

Sou obrigado a dizer somente, para consolo dos que não estudaram, que do mesmo modo que ao viajar, se deixamos para trás o lugar aonde queremos ir, dele nos afastamos tanto mais quanto mais tempo e mais depressa caminarmos, de sorte que, mesmo se retornarmos em seguida o caminho correto, não podemos chegar ao destino tão depressa como se não tivéssemos andado anteriormente; assim também quando nossos princípios são maus, quanto mais os cultivamos e mais cuidadosos somos em deles extrair conseqüentes, pensando estar assim filosofando bem, tanto mais estamos nos afastando do conhecimento da verdade e da sabedoria. Donde é necessário concluir que os que menos aprenderam de tudo o que foi chamado até agora de Filosofia são os mais capazes de aprender a verdadeira. (DESCARTES apud TADEU DE SOARES; 2008 p. 145-146)

Vemos que o preconceito é outro grande obstáculo ao conhecimento verdadeiro, uma vez que ele é a aceitação de uma opinião sem o devido exame, quanto mais preconceitos uma pessoa tem, mais suscetível ao erro ela está. Como vimos anteriormente, no ensino escolástico da filosofia, a preocupação do professor é transmitir aos alunos teorias de alguns filósofos, e a preocupação dos alunos é assimilá-las. O professor não examina, por exemplo, se uma teoria de Aristóteles é verdadeira, ele a aceita simplesmente por causa da autoridade de Aristóteles. O aluno por sua vez, aceita as teorias como verdadeiras apenas devido à autoridade do professor e também de Aristóteles. Cito novamente Descartes:

Eudoxo: [...] Aquele que, como [Epistemão], é repleto de opiniões e ocupado por inúmeros preconceitos muito dificilmente se entrega unicamente à luz natural. Há muito tempo, com efeito, habituou-se a ceder de preferência à autoridade que a ouvir os ditames de sua própria razão. Ele prefere [...] verificar o que os antigos escreveram a consultar a si mesmo sobre o juízo que deve proferir. (DESCARTES apud TADEU SOARES, 2008, p. 188)

O conhecimento verdadeiro é apreendido de modo diferente do escolástico. Para que um indivíduo forme um pensamento crítico, e não aceite como verdadeiras teorias sem antes examiná-las, o método escolástico deve ser substituído por um método formativo que auxilie o indivíduo na sua busca pelo conhecimento verdadeiro. Esse é o método que Descartes propõem. Na sequência, antes de analisar detidamente o método formativo proposto por Descartes, explico a presença dessa proposta em três de suas obras.

### ***Análise do Discurso do Método, da Carta-Prefácio e da Recherche de La Verité.***

A escolha pela obra *Discurso do Método* para a realização desse trabalho se deve ao fato de que, ao descrever sua trajetória em busca do conhecimento verdadeiro Descartes apresenta o método que ele desenvolveu para alcançá-lo, e explicita suas críticas à educação e filosofia escolástica, assim como sua proposta alternativa a essa corrente de pensamento. No que diz respeito à escolha do texto *Carta Prefácio*, por sua vez, sua adoção se deve ao fato de apresentar os frutos do método cartesiano, e também por conter críticas à filosofia e à educação escolástica, explicitando, ainda, a proposta de filosofia e de educação de Descartes. O referido texto, tal como insinua seu título, consiste em uma carta que Descartes mandou para o tradutor de sua obra *Princípios da Filosofia Primeira*. Nela o filósofo escreveu um resumo dos principais pontos abordados na obra e solicitou ao tradutor que, a partir dela elaborasse um prefácio que expusesse o assunto do livro, seu propósito ao escrevê-lo e sua utilidade para o público. O tradutor por sua vez, publicou a própria carta como prefácio do livro. Por fim, escolhi analisar também algumas passagens da sua obra inacabada *A Busca da Verdade*. O fato dela ser escrita em forma de diálogo, potencializa o filosofar. Escolhi essa obra, pois ela também trata de temas que encontramos na *Carta-Prefácio* e o *Discurso do Método*, por exemplo: crítica ao prestígio das autoridades, à filosofia escolástica, o método de Descartes. E o fato de possuir uma nova estrutura de texto que segundo Descartes potencializa o filosofar a torna ainda mais interessante.

Já nas primeiras linhas da obra *Discurso do Método* Descartes (1987) apresenta sua oposição à filosofia escolástica, contrariando justamente as raízes de seu modelo informativo de educação: o prestígio da autoridade. Isso ocorre quando ele sustenta a tese de que todo o homem possui bom senso, que é ter a capacidade de bem julgar e

distinguir o verdadeiro do falso. Desse modo, de acordo com Descartes, todo homem está apto a filosofar e a alcançar o conhecimento verdadeiro. No entanto, essa aptidão só pode ser efetivada a partir da adoção de um método adequado, afinal, como diz Descartes, a causa da divergência de opiniões não está no fato de que alguns são mais racionais que outros, mas nas diversas vias pelas quais os indivíduos conduzem o seu pensamento.

A valorização do método em Descartes corresponde à valorização da autonomia do pensar, o que está de acordo com uma proposta de educação formativa e, conseqüentemente, em oposição a uma proposta de educação informativa, tal como é apresentada pela escolástica. É significativo, nesse sentido, o fato do pensador ter redigido a obra *Discurso do Método* com o objetivo de mostrar o caminho seguido por ele, e não ter tido a intenção de ensinar para as pessoas o método pelo qual “cada um deve seguir para bem conduzir sua razão”. É possível deduzir desse fato que o método não é um dogma a ser seguido, mas uma possibilidade para ser analisada e avaliada pelo indivíduo autônomo. Cito o próprio Descartes:

Assim, o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha. Os que se metem a dar preceitos devem considerar-se mais hábeis do que aqueles que os dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis. Mas, não propondo este escrito senão como uma história, ou, se o preferirdes, como uma fábula, na qual, entre alguns exemplos que se podem imitar, se encontrarão talvez também muitos outros que se terá razão de não seguir, espero que ele será útil a alguns, sem ser nocivo a ninguém, e que todos me serão gratos por minha franqueza. (DESCARTES, 1987, p. 30)

Mas Descartes (1987) não nega apenas o estatuto de “verdade acabada” para o seu método, rejeita, ainda, o estatuto de autoridade que poderia ser direcionado a sua pessoa, considerando-se como um indivíduo intelectualmente mediano. Afinal, humildemente, ele próprio nos confessa não se considerar melhor do que a maioria, e que inclusive desejou muito ter mais qualidades que servem à perfeição do espírito, que consiste no pensamento tão rápido, ou na imaginação tão nítida e distinta, ou na memória tão ampla ou tão presente, como via em alguns outros. Com esse posicionamento, Descartes (1987) reafirma a importância do método a ser seguido para a busca da verdade, pois, tendo ele, indivíduo mediano, alcançado bons resultados a partir de um método adequado, todos os demais também podem alcançar.

Apesar de se opor ao modo escolástico de ensino e de filosofia, ao contrário do que possa parecer, Descartes (1987) não considera a escolástica unicamente sob uma perspectiva negativa. Após explicitar sua decepção em alcançar com o estudo das letras um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, o pensador valoriza os exercícios praticados nas escolas. Descartes (1987) as línguas eram necessárias para a compreensão dos livros antigos, a graça das fábulas era importante para despertar o espírito, as ações memoráveis da história eram estimulantes e se lidas com discernimento ajudavam a formar o julgamento, a leitura de bons livros era como conversar com os melhores homens dos séculos passados e ter acesso aos seus melhores pensamentos, a eloquência tem força e beleza, a poesia tem delicadezas e doçuras, as matemáticas têm invenções sutilíssimas, a teologia ensina a conquistar o céu, e a filosofia oferece um meio de falar com verossimilhança de todas as coisas e de fazer-se admirar pelos menos eruditos, e que a jurisprudência e a medicina trazem honras e riquezas aos que as cultivam. Por outro lado, Descartes explicita críticas as mesmas matérias que elogia, que destacam a incerteza e os erros que são transmitidos aos homens a partir da educação escolástica: as fábulas nos fazerem “imaginar como possíveis acontecimentos que não o são”; as histórias muitas vezes alteram, aumentam o valor das coisas e omitem os acontecimentos mais baixos; a poesia e a eloquência por sua vez seriam mais dons do espírito do que faculdades obtidas pelo estudo; a matemática apesar da certeza e evidência de suas razões se restringiria às artes mecânicas; os escritos antigos elevavam muito alto as virtudes mas não nos ensinam a conhecê-las; a teologia com suas verdades reveladas que conduzem ao céu estão acima da inteligência humana, e por isso não podem ser submetidas às fraqueza dos raciocínios; na filosofia as disputas sempre ocorreram entre excelentes espíritos, o que a torna duvidosa, e, por fim, as outras ciências detêm princípios mal fundamentados.

Até o momento ative a minha atenção à primeira parte da obra *Discurso do Método*. Sustentei o posicionamento de que Descartes opõe-se ao modelo escolástico de educação informativa ao opor-se a sua raiz: a autoridade, e, ainda, que propõe um novo modo de relacionar-se com o saber que está vinculado a um modelo de educação formativa, pois valoriza o pensar autônomo, ou seja, crítico e criativo. Mas também sustentei que o posicionamento de Descartes em relação à educação escolástica não é meramente crítico, pois apesar de transmitir muitos saberes incertos e errôneos proporcionaria através do exercício o desenvolvimento das faculdades humanas. Por ora, inicio a análise da “Carta-Prefácio”.

Na *Carta-Prefácio* Descartes apresenta seu sistema filosófico, reflete sobre o sentido da própria filosofia e estabelece algumas diferenças entre a filosofia ensinada na universidade e a filosofia como estudo da sabedoria.

Ele inicia o texto explicando que é importante que seu livro tenha um prefácio, pois ele teme que o título da obra desmotive muitos leitores, principalmente os que não foram educados nas Letras, ou que não vêm a filosofia com bons olhos por conta de possuírem preconceitos sobre esta. Essa preocupação por parte do filósofo de não desmotivar seus leitores nos revela um pouco do conteúdo e do significado que ele dá para a própria filosofia. Podemos relacionar sua preocupação com seu rompimento com a autoridade e com filosofia escolástica que defende que nem todos os homens são aptos a serem filósofos e contraria sua concepção de filosofia segundo a qual qualquer homem pode filosofar e atingir o conhecimento verdadeiro se tiver um método correto.

Depois disso Descartes (1987) explica de modo simples o que é a filosofia a partir do significado da própria palavra. A filosofia é para ele o estudo da sabedoria que consiste num perfeito conhecimento das coisas que o homem pode saber para ter uma conduta da sua vida, para a conservação da saúde e invenção das artes. Se esse é realmente o significado da filosofia, para o verdadeiro exercício desta é imprescindível o pensamento autônomo e livre de preconceitos, aberto às críticas e questionamentos de seus próprios princípios. Desse modo, vemos que a filosofia defendida por Descartes pode ser caracterizada como uma filosofia de formação, pois proporciona a auto-formação do indivíduo, que não deve simplesmente aprender os pensamentos já postulados das autoridades, ele próprio poderá a partir do método adequado fazer sua própria investigação e encontrar a verdade, a sabedoria.

A *Busca pela Verdade*, como já foi dito anteriormente é uma obra inacabada escrita em forma de diálogo. Nesse diálogo há três personagens: o ignorante (Poliandro), o filósofo (Eudoxo) e o autor (Epistemão). Poliandro é o honnête homme, ele não pode frequentar as escolas por ter sido enviado pelos pais ao serviço militar, mas deseja muito aprender. Eudoxo dedicou-se às ciências e ao estudo em geral a partir de suas próprias forças chegando a resultados consideráveis, e se dispõem a iniciar Poliandro e revelar o valor de seu pensamento e fraqueza das Escolas a Epistemão. Este é o autor, o representante da cultura universitária, o que aprendeu tudo o que pode ser aprendido nas Escolas. (TADEU DE SOARES, 2008, p. 147)

A personagem Eudoxo representa o próprio Descartes. Através deste personagem ele dialoga com a tradição escolástica, representada por Epistemão, este

sabe exatamente tudo o que se pode aprender nas escolas, e com Poliandro, um homem de espírito mediano, mas cujo juízo não foi pervertido por nenhuma falsa crença e que possui toda a razão segundo a pureza de sua natureza. Este representa o público alvo de Descartes, segundo ele, são os mais aptos para a verdadeira filosofia.

Poliandro é o “honnête homme”, ele tem a virtude imprescindível para a verdadeira filosofia – a franqueza-, e uma mente menos abalada pelos preconceitos. (TADEU DE SOARES, 2008, p. 152)

Um honnête homme não tem a obrigação de ter lido todos os livros nem de ter aprendido cuidadosamente tudo o que se ensina nas Escolas; seria mesmo uma espécie de falha em sua educação se ele tivesse empregado tempo excessivo no cultivo das Letras. Há muitas outras coisas a fazer durante sua vida, de modo que seu tempo deva ser tão bem medido que lhe reste a melhor parte para praticar as boas ações, que lhe deveriam ser ensinadas por sua própria razão se ele não aprendesse nada senão dela mesma. Mas ele chegou ignorante ao mundo, e como o conhecimento em sua infância se apoiava inteiramente na fragilidade dos sentidos e na autoridade dos preceptores, é quase impossível que sua imaginação não se encontre repleta de uma infinidade de falsos pensamentos, antes que esta razão possa conduzi-lo: após o que, tenha ele, por conseguinte, necessidade de um muito grande dom natural, ou de instruções de um sábio, tanto para se desfazer das doutrinas perniciosas com as quais ele se ocupa, quanto para assentar os primeiros fundamentos de uma ciência sólida e descobrir todas as vias pelas quais ele possa elevar seu conhecimento até o mais alto grau que ela possa atingir. (DESCARTES, 2002, p. 1)

Neste primeiro parágrafo da *Busca pela Verdade*, Descartes, assim como nas duas outras obras sobre as quais falei anteriormente expõem suas críticas à educação escolástica ao se referir à fragilidade dos sentidos e à autoridade dos preceptores como causa de uma imaginação repleta de falsos pensamentos. Em seguida vemos a intenção que ele tem ao escrever essa obra:

Nesta obra me propus a ensinar essas coisas, bem como a por em evidência as verdadeiras riquezas de nossas almas, que dão a cada um os meios de encontrar em si mesmo, sem nada emprestar a outrem, toda a ciência que lhe é necessária à conduta de sua vida e, depois, adquirir pelo seu estudo todos os mais curiosos conhecimentos que a razão dos homens é capaz de possuir. (DESCARTES, 2002, p. 1-2)

Neste trecho, vemos que com esta obra Descartes tem um interesse e projeto pedagógico. Com ela ele almeja proporcionar uma formação que possibilite ao homem uma autonomia da razão. Ao contrário do que faz a escolástica ao privilegiar uma

educação mais informativa, que também proporciona uma formação, mas esta, por basear a validade do conhecimento nas autoridades, rejeita a autonomia da razão. Digo portando que ela é “informativa” no sentido de aprender e ensinar teorias aceitando as como verdadeiras sem antes examiná-las, como dogmas, são muitas vezes apenas informações.

### **A Filosofia e o Método de Descartes**

O período histórico no qual viveu Descartes foi um período de grandes descobertas e incertezas. Muitos conhecimentos que eram tidos antes como verdadeiros, com a evolução da ciência caíram por terra e com eles caíram também o prestígio e a confiança nas autoridades desses conhecimentos. Era preciso criar um método para fazer ciência, que não se baseasse na autoridade de determinados pensadores, pois se esses falharam alguma vez em algumas questões, não devem ser tidos como fundamento para um conhecimento seguro, livre totalmente de qualquer erro, era necessário, então, bases sólidas para se ter um conhecimento seguro.

Como muitos pensadores de sua época, Descartes queria descobrir quais poderiam ser os conhecimentos e seus fundamentos verdadeiros. Com base em conhecimentos matemáticos, Descartes cria um método, para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências, e com ele inaugura o racionalismo moderno.

Antes de mostrar os princípios do método de Descartes, pretendo falar um pouco sobre em que consiste a filosofia verdadeira para ele.

Na *Carta-Prefácio*, após esclarecer o motivo que o impeliu a fazer um prefácio para a sua obra *Princípios da Filosofia*, Descartes faz uma reflexão sobre o que é afinal a filosofia. Ele explica, começando pelas coisas mais comuns, ou seja, pelo que significa esta palavra “filosofia”: é o estudo da sabedoria que por sua vez consiste num perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber para a conduta de sua vida, para a conservação de sua saúde e para a invenção de todas as artes. (TADEU DE SOARES, 2008, p. 407)

Segundo Descartes (2008), sendo a Filosofia um perfeito conhecimento, para adquiri-lo, que é propriamente filosofar, deve-se começar pela busca dos seus princípios. Estes devem obedecer a duas condições: a primeira é que para que um conhecimento seja perfeito é necessário deduzi-los de suas primeiras causas ou

princípios e estes por sua vez devem ser claros e evidentes, e a segunda é que o conhecimento das outras coisas deve depender deles. Cito Descartes:

[...] a primeira é que sejam tão claros e tão evidentes que o espírito humano não possa duvidar de sua verdade quando os considera com atenção; a segunda é que o conhecimento das outras coisas deles dependa, de maneira, de maneira que possam ser conhecidos sem elas, mas não elas sem eles. Depois do que, é preciso deduzir desses princípios o conhecimento das coisas que dependam deles de forma que nada exista em toda a seqüência das deduções efetuadas que não seja de veras manifesto. (DESCARTES apud TADEU DE SOARES, 2008, p. 407)

Outra característica da filosofia segundo Descartes é que ela é sabedoria e esta é por sua vez o conhecimento das verdades que são importantes.

Depois de mostrar a concepção de filosofia para Descartes e explicitar algumas características de seu método, Cito uma passagem da Carta-Prefácio onde ele fala da importância da filosofia para o homem:

E, além disso, a cada homem em particular não é somente útil viver com os que se aplicam a esse estudo, mas é incomparavelmente melhor a ele se aplicar. Sem dúvida, é muito melhor fazer uso dos olhos para nos conduzirmos, desfrutando da beleza das cores e da luz, do que mantê-los fechados e seguir a conduta alheia, o que é, no entanto, melhor do que mantê-los fechados e só contar consigo para a própria conduta. Pois manter os olhos cerrados sem nunca tentar abri-los é, propriamente viver sem filosofar. O prazer que a visão de todas as coisas descobre não se compara à satisfação que proporciona o conhecimento das que se encontram pela Filosofia. Enfim, esse estudo é mais necessário para regular nossos costumes e nossa conduta nesta vida do que o uso de nossos olhos para guiar nossos passos. (DESCARTES apud TADEU DE SOARES, 2008, p. 411)

Nesse exemplo está implícita a grande diferença do método escolástico com o método cartesiano. Podemos entender o método escolástico como um método que proporciona um conhecimento informativo, neste método o aluno de filosofia fica na mesma situação da pessoa que mantém os olhos fechados sem nunca tentar abri-los, dependendo da condução alheia para caminhar, no seu caso ele conhece os pensamentos das autoridades, mas não desenvolve o seu próprio pensamento. Já através do método proposto por Descartes obtêm-se um conhecimento de caráter formativo, que tem como objetivo atingir o conhecimento verdadeiro através da luz natural (razão).

Portanto, a filosofia para Descartes vai além de se conhecer informações sobre teorias de autoridades. Ela é vista como algo muito mais amplo: o estudo da sabedoria

que por sua vez consiste num perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber para a conduta de sua vida, para a conservação de sua saúde e para a invenção de todas as artes. Ao contrário do que muitas autoridades, como Aristóteles, defendem, ela é útil para nossa vida, é segundo Descartes (2008), o conhecimento das verdades importantes. Isso tudo, pra mim, é o que chamo de uma educação e conhecimento formativo.

Agora, falo um pouco sobre o Método de Descartes e mostro as quatro regras que ele possui. Ao perceber que já nos enganamos algumas vezes em relação a algum conhecimento que julgávamos antes verdadeiro, Descartes utiliza a dúvida hiperbólica como um método para evitar o erro. Essa dúvida hiperbólica é fundamental no seu método filosófico. Ele chega ao ponto de duvidar de tudo: das impressões dos sentidos, de que existe o mundo, os corpos, os espíritos, e das regras matemáticas. Após negar todas as suas crenças ele pensa se há algo que ele não pode negar e percebe que não pode persuadir-se de que não existe, uma vez que pensa e duvida, e que para pensar e duvidar é necessário existir. Este conhecimento é um modelo de conhecimento claro e distinto, algo que não se pode negar.

A primeira regra consiste basicamente em nunca aceitar alguma coisa como verdadeira que não se mostre assim de modo evidente, evitar a precipitação e a prevenção, e não incluir em nossos juízos nada que não se apresente clara e distintamente ao nosso espírito. Nas palavras do próprio Descartes:

[...] jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em duvida. (DESCARTES, 1987, p. 37)

A segunda regra consiste em dividir as dificuldades em parcelas, assim como é feito na matemática quando se decompõem equações até os elementos mais simples. Cito Descartes:

[...] dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las. (DESCARTES, 1987, p. 38)

A terceira regra consiste em conduzir nossos pensamentos seguindo uma ordem crescente, a começar pelos mais simples e fáceis até os mais compostos. Segundo Descartes isto é:

[...] conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. (DESCARTES, 1987, p. 38)

Por fim, a quarta e última regra consiste em fazer enumerações completas e revisões gerais a fim de não omitir nada. Cito novamente Descartes:

[...] fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir. (DESCARTES, 1987, p. 38)

Em sua obra *O Filósofo e o Autor*, Tadeu de Soares nos mostra uma possível visão: que há dois tipos de filosofia na filosofia de Descartes. Uma dessas é a filosofia como sistema, doutrina e a outra pode ser confundida com a própria busca, exame ou investigação. Pode parecer contraditório o fato de que Descartes, apesar de criticar a filosofia como doutrina, ao mesmo tempo também possui uma. Como decorrência disso ele tem como desafio formular um discurso de autor que também simule um discurso de razão.

Por um lado, pensa-se a filosofia como sistema, conjunto estabelecido do saber humano, horizonte de toda a busca pelo conhecimento; por outro, a Filosofia confunde-se com a própria busca, dessubstancializa-se, verbalizando-se no ato mesmo de filosofar; denota processo, mostra-se como puro exame. (TADEU DE SOARES, 2008, p. 143)

Principalmente no *Discurso do Método*, na *Carta-Prefácio* e na *Busca da Verdade*, Descartes se dirige ao leitor que não foi formado pela Universidade, este tipo de leitor é seu público alvo e sua intenção é inspirar no leitor o filosofar originário, o verdadeiro filosofar. (TADEU DE SOARES, 2008, p. 150)

## CONCLUSÃO

Por fim, considerando tanto algumas partes do *Discurso do Método* quanto a *Carta-Prefácio* e a *Busca pela Verdade*, concluo que elas possuem uma proposta de filosofia e de educação de formação, que representa uma ruptura com a escolástica, e

apresenta uma proposta de filosofia e educação de informação. Nesses escritos é constatável uma oposição à supervalorização das autoridades, à transmissão de um saber como verdade acabada, assim como é constatável a valorização da autonomia, do pensar crítico e criativo. No *Discurso do Método* essa valorização é apresentada na afirmativa de que todos os homens detêm bom senso e também na valorização de um método que guie os homens em sua busca pelo saber. Além do mais, é significativo o fato de Descartes apresentar um método para esse fim, o qualificando não como um dogma a ser adotado e seguido, mas como uma possibilidade, assim como é significativo o próprio pensador negar a si mesmo a qualificação de autoridade. No que diz respeito à Carta-Prefácio, a oposição à autoridade e a valorização da autonomia também podem ser constatadas. Uma passagem em que vemos a valorização dela é, por exemplo, quando Descartes mostra a importância da filosofia para o homem, fazendo uma comparação dela com a visão. Nela, Descartes diz que:

[...] é muito melhor fazer uso dos olhos para nos conduzirmos, desfrutando da beleza das cores e da luz, do que mantê-los fechados e seguir a conduta alheia. (DESCARTES apud TADEU DE SOARES, 2008, p. 409)

Para Descartes (2008), ‘manter os olhos cerrados sem nunca tentar abri-los é, propriamente, viver sem filosofar’. Não podemos ver através dos olhos de outras pessoas, o ato de ver é algo totalmente autônomo. Assim também é para Descartes, a verdadeira filosofia.

Na *Busca pela Verdade*, por sua vez, o próprio objetivo de Descartes, também tem, assim como nas duas obras citadas anteriormente, um caráter pedagógico. Nos diálogos de Eudoxo, representa Descartes, com Poliandro, honnête homme, nunca freqüentou a escola, representa o público alvo de Descartes e Epistemão, sabe tudo o que pode ser aprendido nas escolas e representa os escolásticos, Eudoxo busca iniciar Poliandro na filosofia verdadeira e mostrar a fraqueza do conhecimento escolástico de Epistemão. Nestes diálogos percebemos a intenção de Descartes que seu método ou filosofia substitua o método escolástico de ensino e aprendizagem do conhecimento. Na realidade Descartes tem uma proposta pedagógica formativa, em que o ensino da filosofia para ele vai além de se transmitir e assimilar informações sobre teorias das autoridades. Ela é vista como algo muito mais amplo: o estudo da sabedoria que por sua vez consiste num perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber

para a conduta de sua vida, para a conservação de sua saúde e para a invenção de todas as artes. Neste tipo de conhecimento consiste a filosofia de Descartes, um conhecimento formativo, cujo alcance é possibilitado através de seu método.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AQUINO, Tomás de. *Suma de Teologia (Primeira Parte – Questões 84-89)*. Tradução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlândia, EDUFU, 2005.

DESCARTES, René, *La recherche de la vérité par la lumière naturelle de René Descartes*, sous la direction de Ettore Lojacono, textes établis par Erik Jan Bos, lemmatisation et concordances du texte français par Franco A. Meschini, index et concordances du texte latin et néerlandais par Francesco Saita. *Filosofia e scienza nel cinquecento e nel seicento*. Milano, Franco Angeli, 2002.

\_\_\_\_\_. *Meditações sobre Filosofia Primeira*, tradução de Fausto Castilho. Campinas, Cemodecon-Ifch-Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres de Descartes*, publiées par Charles Adam et Paul Tannery, 11 vols.. Paris, Vrin, 1996.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres philosophiques*, édition de F. Alquié. Paris, Garnier, 1997.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres et lettres*, textes présentés par André Bridoux. Paris, Gallimard, 1953.

\_\_\_\_\_. *Obra Escolhida*, tradução de J.Guinsburg e Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

\_\_\_\_\_. *Princípios da Filosofia*, tradução de Guido Antônio de Almeida, Raul Landim Filho, Ethel M. Rocha, Marcos Gleiser e Ulysses Pinheiro. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. *Discurso do Método e As Paixões da Alma*, tradução de Newton Macedo. Lisboa, Sá da Costa, 1984.

\_\_\_\_\_. *Discurso do Método e As Paixões da Alma*, tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. "Carta-Prefácio" aos "*Princípios da Filosofia*", tradução de Alexandre Guimarães Tadeu de Soares. In: *Educação e Filosofia*, número 38. Uberlândia, EDUFU, 2005.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre o método*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Regras para a Direção do Espírito*. Tradução de João Gama. Lisboa, Edições 70, 2002.

LANDIM FILHO, Raul. *Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

MARQUES, Jordino. *Descartes e sua concepção de Homem*. São Paulo, Edições Loyola, 1993.

REALE, Giovanni. *Aristóteles História da Filosofia Grega e Romana*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

SOARES, Alexandre G. T. *O Filósofo e o autor*. Campinas, Editora Unicamp, 2008.